

As cidades como espelhos

Gabriela C. Grimm
gabriela.grimm@hotmail.com
Manoela B. Ferreira
manubf@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: É possivelmente na cidade o maior ponto de encontro entre seres humanos. Um lugar múltiplo, onde o fluxo da história, de fato, ocorre com mais intensidade. Espaços que se comportam em consequência do tempo e da performance do indivíduo, delineando memórias e gerando consequentes reflexos, como num espelho, daquilo que o próprio homem vê-se tornando-se assim, capaz de atrair o olhar. Dessa forma, a cidade se (re-)significa e permite que o sujeito, pelo viés da memória e da história, componha sua própria identidade. Nesse artigo, propõe-se discutir alguns aspectos em relação ao que podemos compreender sobre as cidades e sua relação para com o ser humano, buscando pensar em suas transformações, usos, desusos e a construção do discurso sobre a identidade que o indivíduo - tal como um grupo deste - cria com a cidade.

Palavra-chave: Cidade; Identidade; Jaraguá do Sul

Abstract: It is possibly the city's largest meeting point between human beings. A place multiple, where the flow of history, in fact, occurs with more intensity. Spaces that behave as a result of time and performance of the individual, outlining memories and generating consequent reflexes, as in a mirror, what the man himself finds himself making it capable of attracting the eye. Thus, the city has (re-) means and allows the subject, the biases of memory and history, compose their own identity. Here, we propose to discuss some aspects related to what we understand about the cities and their relationship to human beings, trying to think of their transformations, uses, disuses and construction of the discourse on the identity of the individual - as a this group - with the city creates.

Keywords: City; Identity; Jaraguá do Sul

1. INTRODUÇÃO

Com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, oriundos principalmente da Alemanha e da Itália, em 1880, o Estado de Santa Catarina ganha ares de civilidade. As instalações de indústrias têxteis e alimentícias no Vale do Itajaí e seus arredores geraram uma nova dinâmica geográfica, demográfica e econômica. Investimentos modernizadores



extinguem a velha base agrário-mercantil para uma base industrial, permitindo nascer um novo período econômico nas terras catarinenses.¹

A construção de estradas e malhas ferroviárias, o incentivo no mercado interno, a grande diversidade de produtos e matéria-prima, a expansão urbana, entre outros fatores, foram responsáveis pela fixação dos imigrantes e desenvolvimento dos novos setores econômicos. Assim começam a se formar as primeiras vilas evoluindo para cidades e capitais de ativa urbanidade.²

O termo “cidade” define-se por um grupo populacional de significativa concentração demográfica onde há práticas comerciais, industriais e culturais. Nossa compreensão acerca do que é civilizado relaciona-se com a imagem do urbano.³ Pensar em cidades é se deparar com o progresso, com o avanço e expansão. Cremos que onde há maior concentração urbana é sinal de desenvolvimento. Tal definição separa a realidade do Estado catarinense antes da implementação da indústria.

Tribos indígenas eram responsáveis por grande parte do contingente populacional. Após algumas investidas dos espanhóis em invadir as terras portuguesas, a Coroa Imperial tratou de patrocinar a vinda de famílias açorianas e madeirenses. No entanto, as cidades ainda não eram estruturas nítidas no cenário, mas com a formação das colônias dos imigrantes europeus no século XIX, é que as propriedades rurais e os agrupamentos de casas receberam tal definição.⁴

A idéia de prosperidade ainda não era conhecida entre Carijós, Xoklengs e Kaigangs, pois compreendiam tribos que desconheciam o sentido de velocidade, de um acelerado ritmo de vida.⁵ Como Bitencourt propõe, ser moderno era antecipar o futuro, destruindo o velho para se refazer a cada instante, adentrando num processo de “autodestruição inovadora”. A mudança então só ocorreria com uma novidade tanto na estrutura humana, quanto na estrutura arquitetônica, ou seja, seu modo de vida urbano.⁶

As cidades cederam a esta concepção próspera já que suas velhas configurações não condiziam com os novos intuitos. Suas formações desarranjadas não promoviam as ambições do desenvolvimento, assim também passando elas por um processo de

¹ GOULARTI FILHO, Alcides. *Origem e crescimento do capital industrial*. (1880-1945) In: _____. Formação econômica de Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2007, p. 67-137.

² BRANCHER, Ana Alice. *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

³ BITENCOURT, João Batista. *Cidades em movimento*. 2.ed. rev. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

⁴ SANTOS, Silvio Coelho dos. *A questão indígena*. In: _____. Índios e brancos no sul do Brasil. Florianópolis: EDEME, 1973, p. 54-115.

⁵ Idem, 1973.

⁶ Idem, 2000.



renascimento. O espaço urbano se embelezaria conforme o desenvolvimento de uma “sociedade disciplinar”.

O comportamento alinhado, uma nova pomposidade dos trajés, odores sociáveis, tudo regido por uma nova maneira de viver esse espaço, reflete-se na remodelação urbana. As novas cidades que surgiam em terras catarinenses, se moldavam a partir de atitudes e padrões trazidos dos países desenvolvidos pelos imigrantes. O meio então se torna reflexo do indivíduo cortês, ele próprio reflexo das grandes avenidas de Paris, projetadas para a velocidade.⁷

O objetivo deste artigo é contribuir para o entendimento da configuração de uma identidade ativada pela leitura dos discursos em diálogo com o próprio espaço urbano, interagindo e criando o mesmo.

2. CIDADE ARQUETÍPICAS

A transformação do ambiente social estabelece uma reinvenção dos indivíduos. Como Calvino reflexiona em algumas de suas cidades “invisíveis”, estas são como um espelho d’água, que reflete o próprio sujeito seja em sua organização ou mesmo na sua arquitetura.⁸ Cidades invertidas para aquelas que reproduzem um comportamento social já existente, ou mesmo as que não são simétricas. Estas, por sua vez, possuem o mesmo nome da antiga cidade que ali existia, porém sua dinâmica é completamente nova. A cidade ultrapassa seu conceito geográfico, e passa a ser um elemento aglutinador das experiências e sentimentos humanos, uma fonte inesgotável em transformação, ainda que cada uma seja única na sua paisagem e na construção do seu espaço pelos seus habitantes. Que o número de possíveis cidades é infinito.

Desde as cidades condenadas, redentoras, justas e literárias como as de Ítalo Calvino,⁹ todas confluem como arenas de representações sócio-histórico-discursivas que contribuem para a construção de modos particulares de relacionar experiências cotidianas do sujeito e de seu outro – no reconhecimento que cada um tem de si mesmo e que, de alguma forma, reflete e é um reflexo da identidade social – e para as contínuas e complexas articulações que integram o campo de força das relações sociais e de dominação.

⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

⁸ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

⁹ Idem, 1991.



Os desdobramentos redigidos pelo autor acima mencionado acerca de suas cidades, e tantas outras, são na verdade arquétipos, ou seja, dimensões ou imagens que enquadram todas, a uma única cidade, ao mesmo tempo, sem que por isso não deixem de servir como subsídios diferenciadores que tornam, paradoxalmente, cada cidade ser exclusiva.¹⁰

Sobressai-se, portanto, que para uma remodelação do novo, o olhar volta-se ao passado. A memória, como um tempo não tempo, endossa na coletividade na identidade individual e conseqüentemente da cidade que abriga tal ser, uma seleção do passado para adequá-lo ao interesse do presente. Indivíduo e cidade voltam-se ao passado idealizando e definindo configurações de identificação.¹¹ O ambiente urbano logo se torna pontuado de subsídios simbólicos tomados de informações e códigos do que elas são, ou daquilo que gostariam de ser.

Ao utilizar a memória, coloca-se o sujeito que experimentou a mudança do tempo, e se modifica a partir dela, como um articulador entre um passado e um presente. A cidade, em suas materialidades plurais, recobre-se por sentidos de suas escritas e neles e na memória de seus sujeitos constrói sua história.¹²

Se for verdade que a memória faz parte da própria condição humana, indispensável inclusive à sua evolução biológica, então é necessário reconhecer que, em termos sociais, a conquista da memória é também um esforço pela identidade, um instrumento e um objeto de poder. Apresenta-se a identidade, atrelada à memória e à história, como rebelde do reconhecimento da mudança e da diferença, tanto em relação ao outro como em relação a si mesmo.

A identidade é também comparação, não só pela demarcação dos limites com o outro, mas por sua própria, tomado individual ou coletivamente, em temporalidades diferentes. Com isso, a memória é percebida como um retrospecto, tão longe quanto possa se colocar do passado, do pensamento.

Dada à relação que se estabelece entre o sujeito (ator social) e a cidade numa dimensão discursiva, Orlandi ressalta que no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam uma unidade, estando o corpo do sujeito enlaçado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro.¹³ A cidade se impõe determinando as práticas que possibilitarão o seu dizer e a interpretação desse dizer. Num

¹⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Carmello Côrrea de Moraes. 4 ed., São Paulo: UNICAMP, 1996.

¹² HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In: _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p. 137-167.

¹³ Idem, 2004.



espaço (habitado) de memória, de subjetividades, a história se formula em/por um sujeito urbano que, à medida que produz sentidos na cidade, constrói sua identidade.

Escolheu-se a cidade como objeto de estudo, pois nela estão dispostas as organizações políticas e sociais, cercadas por sistemas de ideias variadas, o que provoca, em seus sujeitos, memórias individuais e coletivas que juntas formam uma história, num determinado tempo, dentro de um determinado território, e constituem identidades.

Ambiente de manifestação de efervescências, de conflitos e de tensões, a cidade dividida em seus espaços, se comporta à sua maneira e se revela em imagens que descrevem uma recordação que não se encontra abertamente. Lidar com essa memória demanda, também, desnaturalizar as evidências tanto daquilo que pode e deve ser lembrado, quanto daquilo que pode e deve ser esquecido em seus talhos e retalhos, esfoladuras e arranhões. Dessa forma, a cidade se (re-) significa e permite que o sujeito, pelos vieses da história e da memória, componha sua identidade.

O EXEMPLO DE JARAGUÁ DO SUL

Tomamos o exemplo da cidade de Jaraguá do Sul com a intenção de melhor ilustrar nossa temática, cidades como espelhos, acreditando que as bases culturais e os arranjos sociais são pilares para a construção de uma identificação coletiva que é refletida na forma que se dispõe e concebe uma cidade.

Jaraguá do Sul é uma cidade localizada ao norte do estado de Santa Catarina. Sua efetiva colonização se deu por volta do ano de 1890 com a chegada de imigrantes alemães, italianos e húngaros vindos das cidades próximas de Blumenau e Joinville que lá não se adequaram ou, não encontraram formas de subsistência, através da intermediação do colonizador e responsável por essas terras Emilio Carlos Jourdan, que recebeu na época a autorização do estado para coordenar a vinda de trabalhadores e famílias de imigrantes europeus.

Na maior parte, foram os imigrantes alemães que se fixaram de forma mais expressiva na recém área ocupada. Construíram olarias, moinhos, engenhos, armazéns, de maneira que seus produtos excedentes_pudessem ser vendidos, gerando um comércio local que logo seria inserido numa rota comercial interligada com outras cidades, possibilidade esta gerada pela construção de estradas e linha férrea no começo do século XX.



O que queremos demonstrar com este artigo, é como essa colonização principalmente alemã, forjou os alicerces para a construção da cidade. Sabemos que junto com a vinda desses colonizadores, veio sua carga ideológica e cultural muito marcada pela ideia de trabalho, progresso e disciplina, que alguns autores chamam de "germanismo", como Gertz e Ancelmo Schörner

Ancelmo Schörner, que escreveu uma tese que se transformou num livro sobre a cidade, aponta que em Jaraguá do Sul, alguns elementos devem ser observados para compreender de que forma a cidade se desenvolveu. Numa área de mata, com poucas estradas que ligavam com outras cidades, formou-se "[...] comunidades isoladas, com dificuldades de assimilação e com facilidade para resguardar a identidade étnica."¹⁴ Desta maneira, foi possível que uma tradição se mantivesse, constituindo uma colonização que seria típica de Jaraguá do Sul com a ideologia alemã do trabalho, vinda da Europa Reformista, e reformulada nesse novo contexto.

Com a crescente industrialização, só possível através das redes comerciais que se expandiam, de produtos alimentícios e têxteis, o ideário alemão foi se fortalecendo, incorporando ao desenvolvimento da cidade a importância do trabalho e do homem trabalhador, que era diferenciado do homem caboclo que vinha de outras regiões. Para esses imigrantes, sua forma de pensar e agir era superior às outras etnias, comparando-se a integridade da mulher alemã, às crianças, à morada organizada e limpa, e os hábitos alimentares. Esse pensamento segundo o autor Ancelmo foi recorrente e é visto até no tempo presente:

A obra que os alemães realizaram no Brasil (vilas, cidades, escolas, igrejas, sociedades, indústrias, produção agrícola, desbravamento da floresta) está sempre presente no discurso que marca a diferenciação com outras etnias, sendo que "a superioridade do trabalho alemão constitui, ainda hoje, um dos muitos mitos que subsiste desde aquela época".¹⁵

Os proprietários de indústrias souberam utilizar este discurso dos imigrantes como forma de cooptar mão-de-obra, repetindo sobre a força empreendedora do trabalhador alemão, sobre a sua disciplina e a vontade de desenvolvimento, afinal "[...] para ser alemão não precisa nascer na Alemanha, uma vez que a cultura, a língua, o trabalho, a disciplina e a ordem estão no sangue."¹⁶

¹⁴ SCHÖRNER, Ancelmo. *O Arco-Íris Encoberto: Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas*. Joinville, SC: Oficina Comunicações Ed., 2000. p.25.

¹⁵ Idem. p.146.

¹⁶ Ibidem. p.144.



Através de uma ideologia enraizada e incessantemente repetida, e valores forjados por meio de uma colonização inicialmente difícil, a cidade de Jaraguá do Sul desenvolveu-se a partir de uma construção de identidade pautada no trabalho e na integridade de seu povo.

Atualmente, Jaraguá do Sul é uma das referências turísticas em função da sua colonização alemã e húngara, com vários elementos "típicos" como a culinária, a arquitetura, e estilo de vida pautada na fartura e bem viver e também, é uma das referências nacionais na produção têxtil com empresas como a Malwee, Marisol e outras, e na indústria alimentícia e metalúrgica como a WEG, ainda segundo um site: "[...] a cidade detém o título de terceira economia do estado de Santa Catarina, resultado do trabalho de um povo sério e empreendedor."¹⁷

CONCLUSÃO

Compreendida a cidade como um complexo e abrangente organismo vivo que, constantemente sofre alterações em suas estruturas, paisagens e disposições, percebeu que ela, em sua montagem, é o reflexo de quem a habita e a compõe. Os seus habitantes imprimem nas ruas, nos prédios, praças, monumentos, enfim, em seus espaços coletivos, marcas que nos contam sobre formas de se pensar numa cidade e o que se busca no viver em uma cidade.

Aqui, costumes, valores e hábitos, repercutem na estética e na organização desses espaços urbanos, quando a população se transforma, quando ideias mudam, a cidade, inevitavelmente, reverba de diversas formas em suas estruturas, novas composições e novos ares.

Tomado aqui o exemplo de Jaraguá do Sul, uma cidade atualmente em destaque no estado de Santa Catarina em decorrência da sua grande produção na área têxtil e metalúrgica, procurou demonstrar de que forma a expressiva imigração de mulheres e homens de origem e descendência europeia, principalmente a alemã, considerando também haver a imigração italiana, húngara, etc., no território hoje conhecido como Jaraguá do Sul, transformou o espaço até então pouco habitado e explorado.

¹⁷ SITE GUIA HOSPEDAGEM. Disponível em: <<http://www.guiahospedagem.com/conteudo=destinos.php?id=710>> Acesso em: 11/2012.



A forte ideologia de desenvolvimento, progresso a partir do trabalho e a promessa de uma vida melhor na América que traziam da Europa, foram às ferramentas que impulsionaram esses sujeitos a construir as bases para o espaço que tomaram para si como cidade.

Nesse processo de construção e formação, o passado foi o alicerce onde se apoiaram para definir uma identidade que seria incutida na cidade e nos seus moradores. Esse passado revisitado, estabelecida relações de união e trocas entre sujeitos de mesma descendência, de maneira a estabelecer no espaço urbano que se formava, características semelhantes às encontradas em seus locais de origem, como a arquitetura de num âmbito mais restrito, mas mesmo assim compartilhado, as tradições religiosas e gastronômicas, casas e prédios, disposição dos centros administrativos, políticos e comerciais, hábitos de higiene e organização, atividades culturais e de lazer, e na própria língua utilizada para se comunicarem entre si.

O que pudemos, enfim, perceber por meio dessas observações é que o passado, tomado como fundamentação de uma cultura, a fim de unir e consolidar laços e relações entre homens e mulheres vindos de terras distantes assentados então no Brasil, foi um elemento chave na criação de uma identidade que associava aspectos como ordem, qualidade de vida, progresso, manutenção da família e bons costumes, trabalho e tradições antigas, ao sujeito que habitava e construía a cidade de Jaraguá do Sul.

Essas características identitárias, sem dúvida, foram espelhadas em todas as expressões da cidade, em todo seu desenvolvimento, e a transformaram no que é hoje, e apesar de velhas tradições e costumes serem reinterados, a cidade não para, ela sempre está em movimento, sempre se recria, sempre se transforma, sempre está exposta ao novo.

REFERÊNCIAS:

BRANCHER, Ana Alice. *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BITENCOURT, João Batista. *Cidades em movimento*. 2.ed. rev. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

CANUTO, Alcioni Macedo; JAGNOW, Egon Lotário; DIEFENTHÄLER, Eliza Ressel . *Crescendo com a nossa história*. Jaraguá do Sul, SC: Prefeitura Municipal, 2008.



CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. In:_____.Caminhadas pela cidade. Petrópolis: Vozes, 2003, p.157-177.

GOULARTI FILHO, Alcides. *Origem e crescimento do capital industrial*. (1880-1945) In:_____.Formação econômica de Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2007, p. 67-137.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In:_____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p. 137-167.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Carmello Côrrea de Moraes. 4 ed., São Paulo: UNICAMP, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. 2004. *História & história Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *A questão indígena*. In:_____. Índios e brancos no sul do Brasil. Florianópolis: EDEME, 1973, p. 54-115.

SCHÖRNER, Ancelmo. *O Arco-Íris Encoberto: Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas*. Joinville, SC: Oficina Comunicações Ed., 2000.

SILVA, Emilio da. *Jaraguá do sul: um capítulo na povoação do Vale do Itapocu*. Jaraguá do Sul, 1975.

Recebido em 26 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2012.

